

GIULIO BERTONI

Com a morte de Giulio Bertoni, ocorrida em Roma a 28 de Maio passado, abriu-se um vácuo no campo dos estudos europeus de filologia românica.

Nascido em Modena no ano de 1878, licenciado em Turim em 1901 e em Florença em 1902, Bertoni bem depressa viu enriquecida a sua cultura com viagens de estudo à Alemanha e à França. Em 1905 doutorou-se em filologia românica e nesse mesmo ano foi chamado a reger a cadeira de Filologia românica na Universidade de Friburgo, na Suíça, onde ficou até 1920, ano em que foi convidado para idêntico cargo na Universidade de Roma, onde permaneceu até final da sua vida.

Bertoni, membro de numerosas academias de vários Países da Europa e da América, foi eleito Académico de Itália em 1932; e pelo entusiasmo com que dedicou as suas energias às iniciativas da Academia de Itália, rapidamente ocupou nela um lugar de relêvo: sobre os seus ombros pesava especialmente a árdua empresa da compilação do Vocabulário da Aca-

demia. A publicação, em 1940, do primeiro dos quatro volumes de que constará aquela grandiosa obra, estabeleceu à volta do nome de Bertoni uma tal onda de aprovações e ao mesmo tempo de objecções, numa atmosfera de aplausos e de polémicas, que bem se poderia dizer, com os conhecidos versos de Manzoni, que êle se tornou «segno d'immensa invidia e d'indomato amor.»

Logo desde os seus primeiros trabalhos, os problemas afins da filologia românica, no sentido restricto da palavra, chamaram a atenção de Bertoni.

A literatura italiana antiga deve-lhe o grande volume sobre «*Il Duecento*» (que faz parte da monumental História da Literatura Italiana, editada em Milão por Vallardi), publicado em primeira edição em 1910 e em segunda edição revista em 1930. No campo da literatura provençal antiga, devem-se-lhe edições de Códices e de «*I trovatori d'Italia*». O seu contributo para o conhecimento da literatura francesa antiga é representado, entre outros

trabalhos, por uma edição da «*Chanson de Roland*». Repetidas vezes mereceram a sua atenção alguns aspectos do Renascimento italiano, tal como se manifestou, sobretudo em duas cidades célebres naquele século áureo e predilectas de Bertoni, Modena e Ferrara: a vida das suas famosas côrtes, o ambiente e a obra dos seus insígnies poetas, desde Boiardo a Ariosto foram luminosamente tratados pelo grande filólogo. Finalmente, devem-lhe enérgico impulso os estudos sobre dialectologia: para eles contribuiu com trabalhos sobre o seu aspecto geral («*L'Italia dialettale*», Milão 1916) e sobre os seus aspectos locais («*Profilo storico del dialetto di Modena*», Genebra 1926), bem como as suas relações e da língua italiana em geral com outros campos filológicos («*L'elemento germanico nella lingua italiana*», Génova, 1914). Digno enfim de especial menção é o importante «*Profilo linguistico d'Italia*», publicado em Modena em 1940.

A actividade de Bertoni neste campo esteve sempre ligada a uma interpretação científica, estética e, pode bem dizer-se, filosófica da Filologia.

Na disputa entre as duas correntes modernas de inter-

pretação da filologia, a positivista e a idealista, — disputa que, tendo embora perdido violência e, em boa parte, significado, nada perdeu do seu valor histórico, — Bertoni imediatamente tomou posição a favor da segunda, mantendo-a e defendendo-a, reduzindo-lhe sensivelmente os excessos e as exuberâncias. Apesar de fundamentalmente ociosa, a questão da interpretação da filologia, em campo filosófico, serviu no entanto, como é bem sabido, para aclarar idéias e estimular progressos; em Itália, contribuindo para superar o preconceito positivista da separação e dos «compartimentos estanques» das várias disciplinas de estudo, facilitou o caminho para uma interpretação de bom senso e de equilíbrio, do trabalho dos filólogos.

Desta interpretação — que, se quisermos, para nos entendermos, nada impede que a chamemos idealista — Bertoni foi um dos representantes mais apaixonados e mais autorizados. De facto, — partindo do princípio, aliás aceite nas suas linhas gerais por outros entre os melhores e os mais esclarecidos, de que em filologia como em tôdas as actividades do espírito, «não existe o género, mas o indivíduo; de que não há disciplinas mas problemas; de que, enfim, fora do mundo histó-

rico não há outro mundo para cuja compreensão tenda a filologia» (como foi dito por outro pensador italiano) — Bertoni desenvolveu a sua actividade à luz do critério geral de fazer da filologia uma «ciência viva». Tal desejo e necessidade de espírito do grande mestre aparece já nos títulos dos seus trabalhos propriamente filológicos, de que apenas se referem alguns como índice e exemplo de uma actividade que, em livros, em ensaios e em artigos, foi ininterrupta, infatigável e abundantíssima: «*Programma di filologia romanza come scienza idealistica*» (Genebra, 1923); «*Linguistica ed Estetica*» (Florença, no «*Archivum Romanicum*», VII, 1923); «*Breviario di neolinguistica*» (Modena, 1928, do qual pertencem a Bertoni os «*Principi generali*» e a M. Bartoni os «*Criteri tecnici*»); «*Lingua e poesia*» (Florença, 1939); «*Lingua e Cultura*» (Florença, 1939); «*Introduzione alla Filologia*» (Modena, 1941). O último destes trabalhos (para ao menos fazer referência ao conteúdo de um dos mencionados), clara e elegante exposição das doutrinas filológicas que se debateram e substituíram nos últimos decénios, serviu a Bertoni, simultaneamente, para resumir e fixar, em termos simples e claros, as

próprias idéias. A fórmula elementar destas idéias pode ser a da identidade de pensamento-expressão, a cuja luz a filologia toma o aspecto de ciência-arte: esta interpretação Bertoniana é um dos pontos de chegada mais tipicamente italianos, se bem se notar a influência na escola filológica italiana da actualidade, da tradição estética de De Sanctis e do aprofundamento metodológico e cultural de Croce.

A actividade de Giulio Bertoni não será esquecida pelos estudiosos portugueses, mesmo em virtude do interesse que manifestou por Portugal e pela sua cultura.

Remonta ao longínquo ano de 1917 o seu primeiro trabalho de assunto português — as «*Pastorelle portoghesi*» (em «*Archivum Romanicum*», por sinal no primeiro número desta revista que, fundada por ele, foi por ele dirigida, bem como outra fundada vinte anos depois — «*Cultura Neolatina*» —, até à morte). Em 1933 publicou em Modena uma antologia das «*Antiche liriche portoghesi*», na colecção por ele fundada e dirigida, onde apareceram, a seu pedido, outros trabalhos sobre a literatura portuguesa (o «*Repertorio bibliografico della prima lirica portoghese*», de S. Pellegrini, e os «*Brani Scelti dei Lusí-*

di» de Camões», de Jole M. Ruggieri). É de 1939 uma «Introduzione ai «Lusiadi», inserta no «Archivium Romanicum» e novamente publicada, no ano seguinte, no volume dedicado pela Academia de Itália às «Relazioni storiche fra Italia e Portogallo». A «Nuova Antologia» publicou enfim, em 1940, uma nota de Bertoni sobre os «*Contatti culturali italo-portoghese nell'età della Rinascenza*».

A par da sua própria actividade editorial, ou da de estudiosos por êle incitados, sobre a literatura portuguesa, sempre houve em Bertoni um quente e férvido interesse por Portugal, pelo seu mundo cultural e pelos seus homens. Devido a êle, o Instituto de Filologia Românica da Universidade de Roma foi enriquecido com uma pequena, mas bem escolhida, biblioteca portuguesa; a Faculdade de Letras desta Universidade atribuiu significado e importância à obra do leitor português; o próprio Bertoni tomou para

PAOLO EMILIO PAVOLINI

A poucos meses de distância do desaparecimento de Giulio Bertoni, o meio estudioso da Itália perdeu Paolo Emilio Pavolini, cuja morte ocorreu em 1 de Setembro passado, em Quattordio, na Alexandria.

argumento dos seus cursos temas portugueses, em primeiro lugar a poesia de Camões; criou e dirigiu êle mesmo pela primeira vez em Itália, no último ano do seu ensino e da sua vida, um curso de língua portuguesa. E o último acto oficial da sua vida académica, na Universidade de Roma, foi a concessão, verificada pela primeira vez, do grau de Doutor em língua e literatura portuguesa a um estudioso italiano.

Não chegou a ver pessoalmente o país de Camões, como de há tempo era seu desejo e esperança. E até por esta aspiração, que não viu satisfeita, de os conhecer de perto, os estudiosos portugueses certamente unirão a sua máguia aos de Itália e de outros países, pelo desaparecimento dum sábio e de um homem cujo dote principal, além dos méritos científicos, foi a exuberância de entusiasmo e dedicação pela vida da cultura e pelo seu trabalho.

GIUSEPPE CARLO ROSSI

A actividade dêste venerando mestre (contava 78 anos, tendo nascido em Livorno em 1864) foi das mais amplas e complexas da sua geração: era surpreendente a facilidade com que o ilustre extinto conseguia passar, com igual pro-

fundidade e segurança, de uma língua e de uma literatura para outra, mesmo das épocas mais afastadas e dos povos mais diversos.

Licenciou-se em letras em Pisa, aperfeiçoou-se em línguas orientais em Berlim, e revelou as suas altas qualidades com trabalhos sobre manuscritos indianos que examinara em Londres. Isto valeu-lhe ser logo chamado a reger a cadeira de sanscrito na Universidade de Florença, onde ao mesmo tempo lhe foram também confiados cursos de língua alemã e de glotologia.

Mas, não inferior à actividade de orientalista — cujos resultados se consideraram até agora fundamentais, especialmente nos volumes sobre a religião e a moral indiana (*Buddhismo*, Milano, 1933; *Testi di morale buddista*, Lanciano, 1921; *Mille sentenze indiane*, Firenze, 1927) e nas traduções dos dois poemas clássicos daquela civilização, o *Mahabharata* e o *Ramajama* — foi a sua actividade como norticista, devendo-se-lhe, neste campo, o estímulo que deu aos estudiosos italianos para o conhecimento da civilização e da literatura finlandesa.

Pavolini, a quem a Finlândia era familiar por nela ter

passado longos períodos da sua vida, apresentou em 1904 uma clássica e conhecidíssima tradução do poema nacional, o *Kalevala*, que os próprios estudiosos filandeses, (mortuon entre outros) consideram «a mais bela, a mais poética, a mais fiel», entre uma vintena de traduções daquele poema em línguas estrangeiras.

A literatura estónia, a polaca, a albanesa, a gála antiga (foi durante 12 anos director das revistas «Atene» e «Roma»), e a neogrega foram também familiares a Pavolini, que, por meio de traduções e estudos, eficazmente contribuiu para que elas se tornassem conhecidas em Itália.

Não nos referimos aqui senão ao aspecto mais importante da actividade dêste homem. Desde a compilação que fez, juntamente com Guido Mazzoni, do conhecido Manual de literatura estrangeira, à direcção da Biblioteca Sansoniense estrangeira, conseguiu dar também à sua obra carácter divulgativo e incitador, além de científico e interpretativo.

A Academia de Itália, que desde 1930 o contava entre os seus membros, e não só ela mas também a cultura italiana, perderam um dos seus maiores expoentes.